

O Sport Club do Pará: esporte e civilidade em Belém (1896-1918)

The Sport Club do Pará: sport and civility in Belém (1896-1918)

Aline Brasiliense dos Santos Brito¹, Renan Santos Furtado²

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as representações criadas em torno do esporte nos *clubs* em Belém, especificamente no Sport Club do Pará, assim como identificar elementos contextuais através das mesmas no que se refere ao panorama cultural e social do período. A metodologia empregada será documental-bibliográfica, com a abordagem historiográfica de fontes e sua interpretação à luz da história cultural de Chartier (2002) e Raymond Williams (1980). Conforme Chartier (2002), o estudo das representações que percorrem os grupos específicos ou instituições pode nos fornecer uma via relevante para compreender determinadas realidades sociais. Essa perspectiva pode ser empregada em associações livres como *clubs*, mediante a qual é possível compreender fenômenos culturais específicos do contexto em que se encontram (Williams, 1980). Nesta linha, o estudo do *club* Sport Club do Pará, criado no apogeu da disseminação dos *clubs* em Belém durante os fins do século XIX, permite compreender o esporte enquanto vivenciado em torno dos ideais de civilidade (Elias, 2011) corrente na modernidade e que são apropriados pela vivência belenense.

Palavras-chave: Sport Club do Pará; Civilização; Esporte; Belém.

Abstract

This article aims to analyze the representations created around sports in clubs in Belém, specifically in Sport Club do Pará, as well as to identify contextual elements through them in relation to the cultural and social panorama of the period. The methodology used will be documentary-bibliographic, with a historiographical approach to sources and their interpretation in light of the cultural history of Chartier (2002) and Raymond Williams (1980). According to Chartier (2002), the study of the representations that run through specific groups or institutions can provide us with a relevant way to understand certain social realities. This perspective can be used in free associations such as clubs, through which it is possible to understand cultural phenomena specific to the context in which they are found (Williams, 1980). In this line, the study of the Sport Club do Pará club, created at the height of the dissemination of clubs in Belém during the late 19th century, allows us to understand sports as experienced around the ideals of civility (Elias, 2011) current in modernity and that are appropriated by the Belém experience.

Keywords: Sport Club do Pará; Civility; Sport; Belém.

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7555-8725>

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7871-2030>

Introdução

O fim do século XIX e parte do XX foi o momento no qual as representações do modo de vida burguês e seu aprofundamento, fruto da maturidade do sistema capitalista em seu auge, se materializaram em uma época denominada pela historiografia como *Belle Époque*. Este é um período em que Belém vive a filosofia do positivismo e seus ideais civilizacionais colocados em rota pela mundialização da cultura.

Nas vias da modernidade, essas representações perpassaram os sujeitos, reconfigurando novos modos de ser, de existir, de se divertir e se comportar. Em um nível mais geral, tomam as proporções de instituições – sejam elas burocráticas ou não – para através delas criar modos únicos de sociabilidades³, como os *clubs*.

O período republicano é o momento do nascimento e proliferação dessas inúmeras agremiações. O termo *club* é uma denominação tipicamente inglesa⁴, e constituía em seu sentido original o ato de associar-se livremente, uma invenção que Elias e Dunning (1992) nos chamaram atenção por seu caráter inovador adotado apenas muito depois pelos franceses quando conseguem o mesmo direito na revolução de 1789. De fato, não havia sequer um termo equivalente entre os franceses. Os ingleses expandiram a cultura dos *clubs* em múltiplos gêneros de interesses, passando pelos musicais, literários e esportivos. Na circulação de práticas culturais que vivenciou a modernidade, os *clubs* logo chegaram ao Brasil – no Rio, temos a este exemplo o famoso Club Beethoven (Needell, 1993) – e no Pará se difundiram como uma das novas formas de ocupação do tempo livre do indivíduo que se pretendia alinhado aos hábitos de civilidade que exigia os novos tempos.

Cabe frisar que a ideia de livre associação de sujeitos e a criação de espaços sociais distintivos

para a vivência do tempo livre na forma de lazer, como no caso dos *clubs*, pode ser compreendida dentro do amplo movimento de constituição da burguesia enquanto classe social, que para além do controle da produção e circulação da produção humana expressa na forma de mercadorias, necessitava edificar em torno de si toda uma percepção a respeito da sua condição de classe moral e intelectualmente mais avançada (civilizada). Sendo assim, o espírito cultural do final do século XIX e começo do século XX no Brasil passa a incorporar práticas e modos de ser representativos do *ethos* burguês.

Em fins do século XIX, o esporte passara a ser o novo objeto de interesse dos *clubs*, e nesse sentido, a pergunta pelo modo como agremiações, no caso o Sport Club do Pará, colocam em circulação as representações em torno do esporte e o que elas nos dizem sobre a realidade histórica determinada do período em questão será nossa problemática central neste artigo. Por esporte, entende-se, neste momento, um conjunto de práticas de movimento organizadas em torno das noções de esforço físico e controle emocional, em que se confrontam duas partes a partir de um conjunto de regras convenionadas e acordadas entre os participantes, que visam ao mesmo tempo reduzir as possibilidades da violência física mais efetiva, bem como evidenciar a viabilidade da construção de competições marcadamente excitantes e representativas do modo de vida das elites (Elias, 2019a).

O Sport Club do Pará, com data oficial de criação em 1896 e declínio em início do século XX, será a principal, e uma das primeiras agremiações envolvidas na atividade esportiva, e colocará em circulação as regras de conduta e comportamento para os *sportman*, indivíduos de classe abastada que se dedicavam ao esporte (Costa, 2010), criando um contexto em que o esporte será acessível apenas a uma minoria. Tomar o estudo de uma

³ Entendemos o conceito de sociabilidade na perspectiva de Simmel (2006).

⁴ Utilizaremos, portanto, o termo inglês *club*, com o intuito de preservar a sua natureza de *associação livre* adotada pelos *clubs* belenenses.

agregação em particular como o Sport, justificase na ênfase que Chartier (2002) realiza em torno da compreensão que as representações que se materializam em indivíduos, grupos e instituições podem nos proporcionar em torno da compreensão de parte do mundo social, ou de fenômenos culturais, como o esporte aqui analisado. É conveniente lembrar-se de igual maneira que no caso específico de Belém, esses *clubs*, longe de se converterem em modismos importados, refletem a complexidade cultural de uma realidade histórica específica, “Fica cada vez mais evidente que tais agremiações não refletem um modismo ou uma atividade mundana. Antes, traduziam graus mais complexos da realidade brasileira, da sua economia e da sua inserção nas cadeias de mundialização da cultura” (Coelho, 2021, p. 33). Nesse aspecto, *clubs* como o Sport remetem a crescente importância cultural do esporte no circuito das ideias que circulavam em fins do século XIX e início do XX.

O recorte de período analisado neste artigo compreende a fundação oficial descrita nos Estatutos do Sport Club, em 1896, e segue até 1918, última aparição oficial atestada pela publicação dos estatutos e notícias da imprensa corrente.

A metodologia empregada é bibliográfica e documental, envolvendo a coleta e análise de fontes diversas, como estatutos e fontes jornalísticas, considerando com relação a esta última sua complexidade, uma vez que o jornal deve ser concebido “[...] como empresa inserida em certo sistema político-econômico, sem esquecer sua interação com a rede de jornais aliados e concorrentes” (Barros, 2023, p. 20), exigindo a confrontação de fontes e a sua interpretação à luz dos conceitos advindos de bibliografia especializada.

Em termos estruturais, este estudo contará com mais três tópicos além desta introdução. Em seguida, faremos uma exposição da ideia de modernidade relacionada com a questão dos códigos de civilidade que se manifestam nos *clubs*. Posteriormente, exporemos elementos que indicam a busca pelo espírito de civilidade em Belém a partir do ideário do Sport Club do Pará. Por último, faremos as nossas considerações finais.

Os *clubs* na rota da modernidade e civilização

O debate sobre a modernidade tornou-se extremamente presente no século XIX, em um período que se valeu de um eloquente desenvolvimento do capitalismo pela Europa e dos modos de vida da classe burguesa cada vez mais fortificada pelo sistema. Seguindo nesse movimento, o amplo desenvolvimento da técnica junto à globalização e pluralidade dos mercados (Hobsbawn, 1988) produzem uma grande onda de bens de consumo de toda espécie e conseqüentemente, pela primeira vez, o surgimento de uma massa, ávida por consumir as novidades do dia, que logo seriam ultrapassadas frente às novidades de amanhã. Invenções como a bicicleta, o telégrafo, o telefone, o fonógrafo, tiveram sua origem neste período (Hobsbawn, 1988, p. 70), bem como a arte encontra novas formas de integração social na reprodutibilidade técnica inaugurada pelo cinema e fotografia (Benjamin, 2014).

Se procurarmos pelo ‘timbre’ ou ‘ritmo’ da sociedade moderna, podemos afirmar que se trata do movimento, da dinâmica e fluxo, não somente de mercadorias, mas de paisagens sempre mutáveis, nos fluxos de pessoas indo e vindo das cidades, em uma amplitude e liquidez que o sentimento de esfacelamento, onde ‘tudo que é sólido se desmancha no ar’, de certa forma é o que dá o tom aos novos tempos (Berman, 1986). Baudelaire (1996), que vivencia a Paris antiga, retrata em seu ensaio sobre a modernidade esses novos ares: a nova cidade sob as reformas de Haussman e seus *boulevards*, onde o passante se depara diariamente com uma novidade nas vitrines; cafés; modas literárias; em suma, o novo que logo se torna antigo e defasado, reflexo do sentimento de indecidibilidade da existência moderna.

Por toda a Europa, o desenvolvimento desse período áureo do capital, sua expansão e paulatinamente, as novas técnicas aprofundadas pela Terceira Revolução Industrial, promove a expansão das cidades e a adoção de novas formas de se viver, comportar e relacionar que dão o tom do que é convencionalmente chamado de *Belle Époque*.

Diferentes formas de arquiteturas e de organização da cidade surgem, não só em Paris, mas em Viena com seus Ringstrasse (Schorske, 1990), em Londres com seu Palácio de Vidro, sob os arautos do progresso e civilização, e formulam suas cidades em prol de seu embelezamento e higienização – o que incluía o cerceamento das camadas subalternizadas para o interior dessas cidades – além de proporcionalizar mais ambientes de lazer para a burguesia, como salões, teatros e cafés. Como representações de uma época, o ser moderno também constituiu uma apropriação realizada pelos trópicos, como ocorre no Rio de Janeiro de maneira proeminente, como bem observa Needell (1993), além de Manaus e Belém.

À medida que a economia da borracha assumia cada vez mais importância no mercado mundial, Belém convertia-se em principal porto de escoamento do produto, vertendo o excedente obtido na reestruturação da cidade, dotando-a de calçamento de paralelepípedo, investindo em espaços de lazer, monumentos, praças e teatros (Sarges, 2010, p. 20), assim “A Belém no “apogeu da borracha” construiu a montagem original da cidade “moderna”, concebida para transcender ao século XX” (Acevedo; Chaves, 1996, p. 4).

Esta remodelação recebera ainda mais incentivo no período republicano, quando os ideais de progresso e civilização apregoados pelo positivismo influenciariam a aspiração de uma nova Belém civilizada nos moldes europeus, levada a cabo em sua magnitude pela intendência de Antônio Lemos entre 1897 e 1910. Sem nos adentrarmos especificamente a tal tema, já longamente abordado em diversas pesquisas, nos cabe ressaltar apenas para nosso objetivo de pesquisa que esse novo ideal se refletia no esforço em higienizar, embelezar e refinar a cidade considerada outrora ‘bárbara’:

A nova ordem econômica e a nova filosofia financeira nascida com a república impunham não somente a reordenação da cidade através de uma política de saneamento e embelezamento, mas também a remodelação dos hábitos e costumes sociais. Era preciso alinhar a cidade aos padrões da civilização europeia. Desse modo, a

destruição da imagem da cidade desordenada, feia, promíscua, imunda, insalubre e insegura fazia parte de uma nova estratégia social no sentido de mostrar ao mundo civilizado (entenda-se Europa) que a cidade de Belém era o símbolo do progresso, imagem que se transformou na “obsessão coletiva da nova burguesia.” (Sarges, 2010, p. 20).

Um civilizar-se que encontramos plasmado em instituições de higienização social que tinham por intuito isolar os doentes das classes sãs da sociedade, oferecendo assim uma solução ‘digna’ dos países europeus a questões de saúde pública, como o Leprosário do Tucunduba que sofre importantes reformas em 1905 (Miranda *et al.*, 2015), ou o Sanatório Domingos Freire, inaugurado em 1900 (Costa; Miranda, 2020) – nesse sentido, o civilizar-se colocava em evidência a segregação social de grupos específicos; também no embelezamento por meio das praças e amplas avenidas erigidas por Antônio Lemos; e finalmente, através da reformulação de hábitos e costumes, traduzidos por elementos diversos, dentre os quais queremos destacar a participação de *clubs*.

Fenômeno que alcança seu apogeu no século XIX, os *clubs* nascem e se disseminam em Londres e posteriormente na França. Conforme bem destaca Needell (1993, p. 95) “O termo “club” originava-se diretamente dos *clubs* que surgiam em Londres no século XVII e chegaram ao apogeu em Paris e Londres no século XIX como locais onde se reuniam os cavalheiros refinados”. Em Londres na segunda metade do século XIX, um agrupamento de intelectuais se destaca nesse quesito, a chamada *Fração Bloomsbury*, a qual Raymond Williams (1980) dirige um estudo minucioso.

Desse grupo, nomes conhecidos como a escritora Virginia Woolf, autora de *Mrs. Dalloway*, e o economista John Maynard Keynes faziam parte, reunindo-se regularmente para debater sobre livros e política. Para além do que parecia ser superficialmente um encontro de amigos para uma simples atividade recreativa, Raymond Williams chama a atenção para os significados a serem desvelados ao se analisar grupos sociais como este:

O verdadeiro ponto é ver a importância do grupo cultural para além da simples apresentação empírica e da autodefinição como um “grupo de amigos”. É perguntar o que o grupo era, social e culturalmente, como uma questão distinta [...] das realizações dos indivíduos, e seus próprios relacionamentos imediatamente percebidos (Williams, 1980, p. 144, tradução nossa).

Nesta perspectiva de análise, através da *Fração Bloomsbury*, é possível distinguir a ascensão de uma nova classe, extremamente intelectualizada formada nos círculos universitários e que era distinta da aristocracia tradicional, embora atravessada por ela; carregavam os princípios clássicos do iluminismo burguês e o ideal de livre expressão do sujeito civilizado (Williams, 1980). Não por acaso, Elias e Dunning (1992) identificam a criação de vários *clubs* esportivos na Inglaterra do final do século XIX, que eram compostos por sujeitos oriundos das classes sociais abastadas, providos do acesso à “boa educação”, e que por isso deveriam manifestar atitudes polidas do ponto de vista da expressão das suas emoções. Pode-se dizer que os *clubs* representavam um espaço social no qual o ser burguês se expressava em hábitos culturais e de lazer diversos, como nas práticas esportivas concebidas como mais civilizadas em relação aos jogos populares e outros antecedentes históricos notadamente violentos.

Ora, na rota das ideias e dos modos de ser socialmente os *clubs* também chegam em Belém e têm seu registro já no período do oitocentos, atravessando o Império e tendo seu máximo apogeu no período republicano. Esses *clubs* em forma de agremiações sociais recreativas, musicais, literárias, políticas e esportivas fizeram parte dos modos de ser que compunham o cenário da modernidade em Belém:

[...] a Belém que caminhava para o final do século XIX e início do XX conheceu e conviveu com um mosaico de associações culturais, literomusicais, sociedades literárias, sociedades

musicais, agremiações culturais de profissionais do comércio, e mais um bom número de jornais e de revistas nascidos como veículos dessa ação dos escritores locais, alguns dos quais no interior dessas agremiações (Coelho, 2011, p. 153).

À maneira da *Fração Bloomsbury* em inícios do século XIX, guardadas as devidas diferenças contextuais, os *clubs* em Belém evidenciavam a presença dos círculos nascentes de intelectuais, dentre os quais, escritores, músicos e artistas diversos, além de interesses que traduziam as representações de civilidade, como no esporte.

O Sport Club – a elitização do esporte

Passada a grande movimentação de *clubs* artísticos, sejam eles musicais ou literários, como, por exemplo, a conhecida *Mina Literária* (Azevedo, 1970), o esporte seria a nova variação corrente dos *clubs*, como é o caso do Sport Club do Pará, principal associação esportiva da Belém em fins do oitocentos, atuante até início do século XX, momento que entra em declínio devido à saída de vários membros que fundaram seus próprios *clubs*, “O Sport se destaca como a principal agremiação do fim do século XIX ao início do Século XX, mas entra em decadência com a saída de muitos dos seus membros que criam o Clube do Remo em 1905 [...]” (Carvalho, 2012, p. 44).

É interessante frisar que, muito embora tenhamos notícias desse *club* apenas em 1889, já vemos estampados nos jornais belenenses algumas modalidades esportivas, como o jogo de *croquet* em 1880: “Consta-nos que se está organizando nesta cidade um *Club* de jogadores de *croquet* [...]. Pelo vapor inglês <Amazonense> acabam de chegar todos os aparelhos necessários para o jogo, os quais já tivemos ocasião de examinar.”⁵ A partir de 1890, essa tendência acaba por ganhar cada vez mais destaque, com os jornais locais acompanhando regularmente as notícias esportivas, sobretudo

⁵ *O Liberal do Pará*, ed. 245, 28 out. 1880a.

na Inglaterra e França, além de se disseminarem na cidade diversas modalidades esportivas, como hipismo, bilhar⁶, ginástica⁷, patinação⁸, ciclismo⁹, touradas¹⁰ e mais tarde o *football*. O cidadão bele-nense passaria a ter muitos elementos disponíveis ao *entrainement* em seu tempo livre.

O conceito de *tempo livre* também é algo a ser observado, pois se trata de uma invenção do século XVIII, como tempo oposto ao tempo de trabalho, de labor, surgido com a Revolução Industrial, cujas relações de exploração no sistema capitalista colocaram em voga. Ao tempo livre pertencem todas as atividades recreativas – embora nem todas as atividades de tempo livre sejam recreativas, como observa Elias e Dunning (1992, p. 128) – que paulatinamente foram sendo refinadas pela burguesia nascente, para serem atividades cada vez mais controladas (Elias; Dunning, 1992, p. 129), galgando sua simbologia nas vias dos parâmetros da civilidade.

Na busca pela compreensão do tempo livre por via de uma abordagem sociológica que não o conceba apenas como o inverso das atividades obrigatórias de trabalho, Elias (2019b) apresenta uma descrição de formas de manifestação do tempo livre nas sociedades industriais avançadas, que podem ser entendidas como ocupações de diversas ordens em que os sujeitos se envolvem fora da dinâmica do trabalho. Nesse sentido, o sociólogo alemão enumera as seguintes atividades: trabalho privado e administração familiar; repouso; provimento de necessidades biológicas; sociabilidade; atividades miméticas ou jogo. Desse ponto de vista, o tempo livre pode ou não ser ocupado com atividades prazerosas e que gerem algum tipo de satisfação aos indivíduos.

Nesse caso, deve-se observar que na descrição das formas de atividades de tempo livre expostas por Elias (2019b), existem aquelas que nem sempre podem gerar algum contentamento nos sujeitos, como o trabalho doméstico decorrente da gestão do lar. Outras podem oscilar entre mais ou menos prazer, como é o caso do repouso e da satisfação de algumas necessidades biológicas, como a alimentação. No entanto, quando se trata das atividades de sociabilidade e das manifestações miméticas ou jogo, é bem possível que maiores graus de deleite pessoal estejam envolvidos. É nesse espectro que é possível compreender o lazer como uma possibilidade de vivência prazerosa do tempo livre, já que, para Elias e Dunning (1992, p. 107) “só uma porção do seu tempo livre pode ser voltada ao lazer, no sentido de uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo”.

Em decorrência dessa radiografia sofisticada do tempo livre como fenômeno moderno exposto por Elias, desdobra-se a análise dos *clubs* como espaços sociais capazes de prover a ocupação, o tempo livre das classes abastadas, tanto na perspectiva da sociabilidade como na experimentação de atividades miméticas ou jogo. Aliás, é justamente no campo das atividades miméticas ou de jogo que Elias (2019b) compreende o esporte, que por sua natureza dinâmica porta uma excitação carregada de tensão, sentimentos e elementos da própria vida cotidiana, como a derrota, a vitória, a frustração e a alegria, aspectos esses que o tornam extremamente divertido e fascinante para praticantes e espectadores de modalidades esportivas.

É nessa perspectiva de prática de inegável potencial de ocupação excitante do tempo livre,

⁶ Temos notícias de partidas oferecidas nos salões do Sport Club (O Pará (PA), ed. 26, 8 jan. 1898a.).

⁷ Muitos dos aparelhos utilizados nas modalidades esportivas oferecidas vinham da Europa, como, por exemplo, os utilizados na ginástica (O Pará, 1897, ed. 11), no entanto, o mesmo também poderia ser observado na importação de bois para as touradas, caso sempre noticiado minuciosamente nos jornais.

⁸ Ainda em 1880 é anunciada futura inauguração de um *club* de patinação organizado por Vicente Pontes de Oliveria, empresário musical atuante em temporadas líricas anteriores (O Liberal do Pará, ed. 261, 17 nov. 1880b).

⁹ O Pará (PA), ed. 402, 5 abr. 1899.

¹⁰ Belém foi dotada de um coliseu, hoje inexistente, para tais eventos. As chamadas podem ser encontradas em diversos momentos nos jornais; podemos a esse respeito citar *A República* (PA) (1899a, eds.144 e 93), *O democrata* (1892, ed. 248) e *Diário de notícias* (1893, ed. 1).

que o esporte parte da Inglaterra para inserir-se nas vias da mundialização de seus valores “A desportização dos passatempos, [...] e a exportação de alguns deles a quase todo o mundo, são outros exemplos do esforço civilizador” (Elias; Dunning, 1992, p. 54, tradução nossa). Tal condomínio entre esporte e civilidade coloca-se em Belém pela equiparação do esporte a algo distintivo de uma classe determinada, conforme podemos aferir pelo convite do Sport Club:

O Sport Club do Pará, a sociedade elegante de Belém, o centro de atração do chiquismo, realiza hoje a noite mais uma das suas encantadoras festas, que revestem sempre o cunho de uma novidade atraente e sadia de boas impressões. O escolhido círculo de frequentadores do Sport, a elite de nossa sociedade, terá hoje, pois, mais uma vez ocasião de dar-se a mão na escolhida festa com que aquelle preferido centro os brinda, abrindo sobre a vida elegante de Belém a papoula rubra da mais sã alegria [...] (A República (PA), 1899b, ed. 58).

De fato, essa ‘sociedade elegante’, leia-se, os indivíduos que deveriam dedicar-se às atividades esportivas, os *sportman* – melhor dizendo, os que *poderiam* usufruir de tal privilégio – era mesmo um ideal almejado pelas instituições governamentais destacadamente no período republicano, como bem demonstra inserção da educação física na instrução do período, já que a simbologia da atividade apontava para além dos exercícios físicos, “Neste contexto, a prática da educação física não era tomada meramente como um benefício corporal, mas também como requisito para o ingresso na onda civilizatória” (Costa, 2010, p. 72).

Embora a instrução pública tenha sido de fato um lugar de inserção do esporte, a difusão, a

variedade e o acesso a este estavam sob os auspícios dos *clubs*, já que o ensino formal ainda era de modo geral excludente (Costa, 2010). Seria instrutivo colocarmos o ponto sobre o porquê de tal atividade necessariamente se apresentar sob esse aspecto, e, neste sentido, podemos recuperar à memória a própria gênese inglesa das práticas dos *clubs*.

A tradição da liberdade de associação – o *club* – tem seu nascimento na Inglaterra, conforme frisado, em meio à elite de cavalheiros ingleses, os quais estabeleciam redes de relações sob sua própria autonomia, ou seja, a monarquia não colocava limites à sua liberdade pessoal nesse quesito – diferentemente da monarquia francesa. Não demorou muito para que os esportes fossem abarcados nesse mesmo ponto fulcral, conforme comenta Norbert Elias, ao observar tal fenômeno sob o qual se configurava o esporte na Inglaterra, “uma característica distintiva dos novos passatempos convertidos em desportos, era que eles eram regulados em um nível supralocal por uma dessas associações de cavaleiros [...]: os clubes”¹¹ (Elias; Dunning, 1992, p. 70, tradução nossa).

Em Belém, os *clubs* esportivos se configuraram inicialmente por um forte caráter seletivo e excludente. O Sport Club, surgido em 1896¹², não era apenas nominalmente um ‘escolhido círculo de frequentadores [...], a elite de nossa sociedade’, mas deixava tal elemento claro em seu estatuto: “Para ser sócio d’est club é necessário: a) – ter bom comportamento; b) – idoneidade de posição que lhe permita cumprir as suas obrigações pecuniárias com este club [...]”¹³. Além disso, o alto valor das taxas e ‘joias’¹⁴ eram quantias exorbitantes para a grande maioria da população.

Em seu quadro de atividades para este seleto círculo o Sport organizou diversas modalidades

¹¹ Dentre outras necessidades, a importância de se estabelecer uma normativa para os jogos de acordo com os costumes locais levaram à interferência dos clubes no nascente esporte, como é o caso do críquete, apontado por Norbert Elias (1992, p. 70).

¹² Estatutos do Sport Club do Pará, 1918. Embora seja o ano de 1896 que conste nos estatutos, as notícias jornalísticas informam da presença deste *club* desde 1889: “Explendida ideia tiveram os fundadores do Sport Club! Este divertimento, tão em voga em Paris e Londres, e já tão introduzido na educação, não podia ser olvidado na capital do Pará. A primeira corrida do Sport Club realizou-se no dia 20 do mês findo, perante um publico numeroso e escolhido que muito applaudiu um tal gênero de diversão” (O Liberal do Pará, ed. 222, 2 out. 1889).

¹³ Estatutos do Sport Club do Pará, 1918 – ‘Da admissão de socios’ (Sport Club do Pará, 1918).

¹⁴ Tal taxa poderia variar de 50 a 100 mil reis (Sport Club do Pará, 1918).

esportivas, como o ciclismo, muito reputadas na Europa (Carvalho, 2012), “No quadrilátero da Praça da República têm feito seu *entrainment* para as corridas de 23 do corrente mez, a realizar-se no Sport club, numeríssimos amadores *cyclistas*.”¹⁵; tênis, boliche, *croket*, e, após 1900, o *football*, que passara a ser o esporte favorito dos paraenses, tomando o lugar das touradas e do remo (Carvalho, 2012). Em 1912, um ano antes da fundação da Liga Paraense de Football e do primeiro campeonato paraense organizado por esta¹⁶, encontramos os anúncios do Sport, quando da organização desta modalidade para seus sócios: “No vasto <<ground>> da velha e conhecida sociedade Sport Club do Pará, realizou-se, ante-hontem, um renhido <<match>> do magnifico jogo inglez, entre as valorosas e disciplinadas <<equipes>> de <<players>> brasileiros (Sport Club) e ingleses (Pará Club)”¹⁷.

Outro elemento que se deve destacar constitui o fato de que os *clubs* esportivos não eram restritos à atividade física. Conforme apontado no Sport, a recreação ficava a cargo, além das modalidades físicas, a atividades variadas como concertos, afinal, é conveniente recordar que a música era de suma importância para o desenvolvimento do indivíduo rumo ao progresso almejado. O inverso também ocorria, e associações de caráter reconhecidamente musicais, como a Sociedade Euterpe, passam a oferecer diversões que vão além dos sa-raus musicais¹⁸.

A prática também envolvia outros aspectos, como o fato de prover o associado de múltiplas opções de lazer, já que “[...] diversões e distrações eram entendidas como meios de proporcionar benefício aos sócios, de garantir o usufruto do lazer e dos esportes como uma parcela importante do novo modo de vida urbano “civilisado”, defendido por entusiastas oriundos da elite local.” (Costa, 2010,

p. 74). É assim, que concertos como os do conhecido maestro paraense Gama Malcher, conforme anúncios a seguir (Figura 1), passam a compor o quadro recreativo dos associados que contava com participantes politicamente influentes como o governador Paes de Carvalho e o intendente Antônio Lemos¹⁹.

Figura 1 - Concertos do maestro Gama Malcher no Sport Club.

A

MUNDO SPORTIVO

O *Sport Club*, como já sabemos, fará amanhã pelas 4 horas da tarde, o segundo concerto classico, cujo programma é o seguinte:

1ª PARTE

1º <i>Marcha nupcial.</i>	Mendelssohn
2º <i>Intermezzo-Mignon</i>	A. Thomaz
3º <i>Ballabili e marcia Aida</i>	Verdi

2ª PARTE

4º <i>Souvenir Fosca</i>	C. Gomes
5º <i>Intermezzo-Cavalleria</i>	P. Mascagni
6º <i>Berceuse celebre</i>	Dunkler
7º <i>Divag. sobre o Faust</i>	Gounod

×

A batuta continua a cargo do maestro Gama Malcher.

×

Só partindo no dia 18, mr. Louis Barutel resolveu fazer ainda uma sessão de bilhar em despedida ao *sport* paraense. Essa sessão terá lugar hoje, pelas 8 horas da noite, no «Restaurante Coelho». A entrada será franca.

Cyclovla.

Fonte: *O Pará* (PA), ed. 33, 15 jan. 1898.

Continua

¹⁵ *O Pará* (PA), ed. 402, 5 abr. 1899.

¹⁶ *Estado do Pará*, ed. 776, 27 maio 1913.

¹⁷ *Estado do Pará*, ed. 413, 28 maio 1912b.

¹⁸ “§ 1 - Estabelecer a convivencia de seus associados, por meio de diversões, taes como: reuniões dançantes, musicas, litterarias, jogos permitidos por lei e enfim todo o Sport recomendado ao desenvolvimento physico da pessoa [...] (Estatutos do Club Euterpe, 1918, ‘Da sociedade e seus fins’).

¹⁹ *A República* (PA), ed. 144, 29 jul. 1899a.

Continuação

B

Concerto quinteto do Sport Club

Na próxima quinta-feira o quinteto Sport Club sob a direção do provector maestro Gama Malcher realiza o seu benefício com um magnífico concerto no salão do Sport Club.

O programma que adiante publicamos é magnífico e estamos certos de que não faltarão ao maestro Gama Malcher e aos seus companheiros os justos applausos de que são merecedores.

PROGRAMMA

1.ª PARTE

Sinfonia La Zampa Herold
 a) Barcarola n. 6 Mendelshon
 b) Andante pathetico Bethoven
 Pela exma. sra. Yáya Garjão com acompanhamento do quinteto P. Mascagni
 Bollo in Marchera G. Verdi

2.ª PARTE

Boheme Leoncavallo
 Sansão e Dátila Saint Saens
 Pela exma. sra. D. Rise Sampaio
 Divertimento para dois Violinos pelos professores Surti e Mariano Piot
 Dolce far Vicente (Gavotte) F. Braga
 Ultima Danza da Escrava, pela exma. sra. D. Yáya Garjão G. Malcher
 Lucia de Lammermour G. Donizette

A's 8 1/2, terça-feira 30 de Maio 99.

Fonte: *A República* (PA), ed. 92, 28 maio 1899.

Bailes e *soirées* também constavam nesse itinerário com o intuito de oferecer divertimentos não somente ao associado, mas à sua família, como podemos observar neste anúncio de 1912: “O Sport Club do Pará prepara-se para oferecer aos seus sócios e exm.^a famílias, no próximo sábado gordo, uma <<soirée>> dansante, precedida do habitual <<baile infantil>>”²⁰. Convém mencionar, neste

questo, que os bailes carnavalescos²¹ oferecidos pelo Club, eram uma das atrações recorrentes já parte da ‘vida elegante’ paraense que perdurariam até 1918:

Sport Club do Pará

Prepara-se o Sport Club do Pará, a velha e bizarra agremiação, cujo nome é a melhor afirmação do que há de mais bello e fidalgo na nossa vida elegante, para as alegrias de um “bal-masqué” infantil, festa tradicional nos salões do conceituado grêmio da avenida Nazareth. A este baile que terá logar na noite de 9 de fevereiro, seguir-se-á uma soirée a phantasia para as gentis demoiselles frequentadoras do velho club e seus associados.²²

Outros eventos além dos musicais e dançantes também podem ser encontrados, como saraus de poesia e monólogos, além do apoio a artistas, conforme podemos verificar no evento que recebeu o caricaturista e jornalista Franc Noral em 1912²³. Tal prática se coaduna à *instrução* oferecida pelo club que constava nos estatutos como elemento essencial, conforme podemos observar através da preocupação em fomentar uma ‘biblioteca do club’, além da pretensão em se criar ‘cursos de educação physica’, promover “[...] palestras que versem sobre qualquer rumo do *sport* ou que vissem um fim utilitário” (Sport Club do Pará, 1918)²⁴ e incentivar a produção de produções científicas sobre a associação que seriam impressas quando ‘julgadas de merecimento’.

Considerações finais

Através da análise de grupos sociais específicos, como nos apontara Raymond Williams (1980), é possível a compreensão de um panorama

²⁰ *Estado do Pará*, ed. 300, 4 fev. 1912a.

²¹ Os bailes carnavalescos constituíam uma tradição francesa adotada pela Belém no período do oitocentos com o intuito de civilizar o carnaval de rua. Com o primeiro baile carnavalesco nesses moldes inaugurado pelo Teatro da Paz em 1878 (O Liberal do Pará, 28 de fevereiro de 1878), diversas agremiações também passaram a oferecer o evento, símbolo de elegância e civilidade, em sua agenda (O Liberal do Pará, 1878).

²² *Estado do Pará*, ed. 2451, 25 jan. 1918a.

²³ *Estado do Pará*, ed. 528, 20 set. 1912c.

²⁴ Sport Club do Pará, 1918 - Estatutos - ‘Instrução’.

acerca da realidade social e elementos culturais determinantes em certo período. O Sport Club do Pará desvenda de sua análise: a) a importância que os *clubs*, especificamente os de caráter esportivo, desempenharam nas sociabilidades belenenses, no que se refere à recepção, interação e vivência do esporte em Belém no período estudado; b) as representações criadas em torno do esporte como um produto simbólico da civilidade, cujo consumo era caráter distintivo de uma determinada classe social de indivíduos abastados; por fim, c) a ordenação do espaço político social em Belém, com instituições que passavam pela sua construção ou readequação no período republicano, como as escolas que passam a incluir a educação física em seu currículo, e que, portanto, prescindiam das agremiações para preencher certas funções, como a disseminação do esporte, ainda que em seu caráter limitado.

Com as fontes expostas, constata-se que as práticas realizadas nos *clubs*, em especial no Sport Club do Pará, num primeiro momento eram diversas, englobando atividades literárias, musicais, esportivas e de sociabilidade. É preciso notar que paulatinamente as atividades de jogos, esportes e recreação passam a se fazer mais presentes nestes espaços.

Contudo, no contexto estudado, seja qual for o intuito da formação de um *club*, ele revela em sua natureza um conjunto de características fundamentais do ideal moderno de progresso e civilidade, que deveria se manifestar em hábitos culturais e formas específicas de usos do corpo. Sem dúvida alguma, o *sportman* é antes de tudo um indivíduo da elite, pertencente às camadas mais altas da sociedade, que em virtude da sua condição de classe, pode participar de um grupo seleto de sujeitos que praticam modalidades esportivas advindas da Inglaterra e cultuam práticas literárias e musicais consideradas como de gosto nobre.

Por fim, destaca-se que este estudo revela a possibilidade de inúmeras outras investigações serem realizadas em torno da constituição e desenvolvimento dos *clubs* esportivos e da ideia de ser civilizado em Belém do Pará entre o final do século XIX e começo dos anos 1900. Questões como a

relação dos *clubs* e suas práticas esportivas com as camadas populares, com a instrução pública e com a ordem política certamente podem ser mais bem analisadas em futuras pesquisas.

De todo modo, este estudo evidenciou que, longe de ser um acontecimento isolado e pouco representativo no que dizem respeito aos ideários modernos, os *clubs* esportivos que se consolidaram em Belém do Pará podem ser tomados como uma expressão da amplitude sociocultural do projeto civilizatório da burguesia belenense.

Referências

- A REPÚBLICA (PA). Belém, ed. 93, 29 de maio 1899.
- A REPÚBLICA (PA). Belém, ed. 144, 29 jul. 1899a.
- A REPÚBLICA (PA). Belém, ed. 58, 23 abr. 1899b.
- A REPÚBLICA (PA). Belém, ed. 92, 28 maio 1899c.
- ACEVEDO, Rosa; CHAVES, Ernani P. Imagens de Belém, paradoxo da modernidade e cultura na Amazônia. *Papers do Naea*, Belém, v. 1, n. 1, ed. 476, p. 1-8, 1996. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v5i1.11902>
- AZEVEDO, J. Eustáquio. *Antologia amazônica: poetas paraenses*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. Disponível: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/livros/antologiaamazoniacapoetasparaenses/3/#zoo=z>. Acesso: 3 abr. 2024.
- BARROS, José D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CARVALHO, Rafael Matos. *Belle Époque esportiva: A imprensa paraense como agente da*

- popularização dos esportes no início do século XX (1900-1935). 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/Belle-%C3%89poque-Esportiva-A-imprensa-paraense-como-agente-da-populariza%C3%A7%C3%A3o-dos-esportes-no-in%C3%ADcio-do-s%C3%A9culo-XX-1900-1935.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2023.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL, 2002.
- COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da *Belle Époque* da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. *Escritos*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, 2011. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero05/artigo08.php>. Acesso em: 1 fev. 2023
- COELHO, Geraldo Mártires. *O grêmio literário português e Belém da Belle Époque (1850-1910)*. Belém: Pakatatu, 2021.
- COSTA, da Antonio Maurício Dias. “Instrução” e “civilização” nos clubes e associações esportivas em Belém entre 1890 e 1920. *Educativa*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 66-79, jan./jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.18224/educ.v13i1.1245>
- COSTA, Livia Gaby; MIRANDA, Cybelle Salvador. Sanatório Domingos Freire (Belém-PA): um belo edifício varrido de ar e luz ou antecâmara da morte?. *Hydra*, Guarulhos, v. 4, n. 8, p. 34-64, set. 2020. DOI: [10.34024/hydra.2020.v4.10564](https://doi.org/10.34024/hydra.2020.v4.10564).
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (PA). Belém, ed. 1, 1 de janeiro 1893.
- ELIAS, Norbert. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2019b.
- ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2019a.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, ed. 2451, 25 jan. 1918a.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, ed. 300, 4 fev. 1912a.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, ed. 413, 28 maio 1912b.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, ed. 528, 20 set. 1912c.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, ed. 776, 27 maio 1913.
- ESTATUTOS do Club Euterpe. Belém: Typ. Delta, 1918. Disponível em: <https://ufpabr.sharepoint.com/:b/g/Ef6RWBQ8tS9HhvYd5j3nmJABXI5hEWx0pzQAYaggwZSjxg?e=Fc43WT>. Acesso em: 3 abr. 2024
- HOBBSAWN, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MIRANDA, Cybelle Salvador; BELTRÃO, Jane Felipe; HENRIQUE, Márcio Couto; BESSA, Brenna Tavares. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 22, n. 2, p. 525-540, abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015005000006>
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- O DEMOCRATA (PA). Belém, ed. 248, 11 de nov. 1892.
- O LIBERAL DO PARÁ (PA). Belém, ed. 222, 2 out. 1889.
- O LIBERAL DO PARÁ (PA). Belém, ed. 245, 28 out. 1880a.
- O LIBERAL DO PARÁ (PA). Belém, ed. 261, 17 nov. 1880b.
- O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 28 fev. 1878.
- O PARÁ (PA). Belém, ed. 11, 22 dez. 1897.
- O PARÁ (PA). Belém, ed. 26, 8 jan. 1898a.
- O PARÁ (PA). Belém, ed. 33, 15 jan. 1898b.
- O PARÁ (PA). Belém, ed. 402, 5 abr. 1899.

SARGES, Mária de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Pakatatu, 2010.

SCHORSKE, Carl, E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SPORT CLUB DO PARÁ. *Estatuto do Sport Club do Pará*. Belém: Sport Club, 1918. Disponível: https://ufpabr.sharepoint.com/:b:/g/EYbO0p8-r3JElxdCiP_G6w0BI88QLu0_fJAeRu2EX10zsw?e=1cWImz. Acesso em: 3 abr. 2024

WILLIAMS, Raymond. *Problems in materialism and culture*. Londres: Verso, 1980.

Recebido em: 12 fev. 2024

Aceito em: 29 abr. 2024